

O FUTEBOL COMO FATOR DE INCLUSÃO SOCIAL PARA A FAIXA ETÁRIA DE 12 A 17 ANOS

III Simpósio de Saúde e Meio Ambiente, 3ª edição, de 16/11/2022 a 18/11/2022

ISBN dos Anais: 978-65-5465-006-9

DOI: 10.54265/SVWI3607

DOPP; Douglas Tinoco¹, RAELI; Gabriel Soares Gomes²

RESUMO

INTRODUÇÃO

De acordo com Santos; Bonachela (2015), o esporte como um todo é tratado como um grande “coringa” em situações para a inclusão social pois a interação social atual tem levado as pessoas a uma interação cada vez mais acirrada. No Brasil, país este ao qual é conhecido mundialmente como o “país do futebol”, esse esporte tem sido a grande meta para muitas crianças e adolescentes que são criados com o estigma do preconceito gerado seja pela sua cor de pele, por sua classe social ou outros estigmas enraizados na sociedade.

Segundo Lima (2014) o esporte tornou-se uma poderosa ferramenta na proteção social e resgate de crianças e jovens que sonham com um futuro melhor. Os efeitos podem ser sentidos no dia a dia com crianças e adolescentes que ficam mais centrados nas aulas e nas disciplinas e mais importante, ficam fora das ruas, que na atual sociedade é o caminho inverso ao que se propõem as crianças e adolescentes que querem um futuro melhor.

Cruz (2003) destaca que o futebol quando incentivado, seja em periferias ou centros urbanos faz com que os seus praticantes se sintam valorizados em relação ao local em que vivem, dando-lhes o sentimento de pertencerem a uma sociedade integrada.

Ademais, Cruz (2003) afirma que muitos outros esportes proporcionam a inclusão, além de uma facilidade de sua prática, sem que ocorram altos investimentos, mas nenhum supera o futebol. É ao redor dos campos de futebol que se formam as pequenas comunidades. Este atrai os olhares, aumenta a paixão e mais ainda, faz brotar sonhos e esperanças de uma carreira rica e famosa. Por isso deve ser mais bem avaliado pelos governos e instituições sociais, com o importante alternativa para projetos de inclusão.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa exploratória, do tipo bibliográfica, objetiva contextualizar de que forma o futebol influencia na inclusão social de jovens e adolescentes na faixa etária de 12 a 17 anos, tendo sido realizado através da metodologia de revisão de literatura, utilizando-se de artigos, teses, dissertações e livros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Histórico do Futebol no mundo e no Brasil

Praticado de certa forma desde a pré-história, o futebol passou por um processo de evolução em todos os seus âmbitos, como da utilização de variados tipos de bolas à implementação de regras para sua prática.

Segundo Borsari (1989), alguns escritores daquela época definiam o futebol como sendo um de jogo com bola. Este jogo era muito apreciado na China antiga, tanto que o imperador comemorava seu aniversário com uma partida. No ano 206 a.C., ainda na China, eram formuladas e regulamentadas algumas regras de um jogo usado para treinamento militar. Os gregos jogavam o “epyskiros” e o “harpaston”, usados na educação atlética da juventude helênica, aos quais eram jogados com uma bexiga cheia de ar por duas equipes que continham 15 jogadores. Eles disputavam a posse de bola com os pés e tinham o objetivo de ultrapassar a bola entre dois bastões altos ligados com um cordão de seda.

¹ Uniredentor - Itaperuna, douglasdopp3@gmail.com

² Uniredentor - Itaperuna, gabrielsgraeli@gmail.com

Com o passar do tempo, essas modalidades foram de transformando e se adaptando com as questões culturais de cada época, como por exemplo o "follis" praticado em Roma, que consistia em um jogo com bola usando as mãos. O descobrimento da América revelou também que outros povos praticavam um tipo de jogo com bola nas horas de lazer, uma bola de borracha extraída das árvores. O campo de disputa era uma praça, os jogadores eram distribuídos em formação detáticas de guerra, com elementos destacados para o ataque, os corredores (alinhados em três grupos de cinco jogadores), outros cinco com funções de meio campo, os sacadores, os demais, com função essencialmente defensiva, quatro dianteiros e três zagueiros (BORSARI, 1989, p.11).

No Brasil, já em 1894, o futebol chegou através de Charles Miller, que ao chegar da Inglaterra, onde estudou, trouxe em sua bagagem algumas bolas, camisas e outros materiais importantes para o jogo. O primeiro jogo oficial ocorreu na cidade de São Paulo, no São Paulo Athletic Club.

Daí em diante, outras equipes passaram a se organizar por adeptos ao esporte e o país, em 1914 realizou seu primeiro jogo contra a Argentina, pela Copa Roca. Posteriormente, fez-se necessária criação da Confederação Brasileira de Desportos, para que, ao passar ser reconhecida internacionalmente, pudesse levar o Brasil para disputar o Campeonato Sul-americano (GIGLIO,2007).

Alguns autores defendem a não monopolização da iniciação do futebol no Brasil por apenas Charles Miller. Giglio (2007), em suas escritas, relatou que o futebol não pode ser considerado instalado e divulgado no Brasil inteiro apenas por Charles Miller, principalmente pela extensão territorial que o país possuía e pela simples questão que no início século XX, a comunicação entre as regiões e Estados era muito dificultada pelo distanciamento.

Ainda conforme Giglio (2007), alguns anos mais tarde – Oscar Cox, em 1897 no Rio de Janeiro e Hans Nobling em São Paulo; Richard Woelckers e Johannes Minesman, no ano de 1900 no Rio Grande do Sul; e José Ferreira Junior, em 1901 na Bahia, contribuíram significativamente para a disseminação da mais nova modalidade esportiva brasileira da época.

A Popularização Social do Futebol e sua Evolução Histórica no Brasil

Segundo Marques (2006) Oscar Cox é considerado um dos mais importantes responsáveis na disseminação e popularização do futebol no Brasil. No ano de 1901, ao retornar de sua temporada estudos que ocorreram na Suíça, Oscar reuniu um grupo de colegas e fundou o Rio Team, nascida do Rio de Janeiro. No ano seguinte, ajudou na fundação do Fluminense. Pouco tempo depois, a pequena esfera redonda, ao ser cuidadosamente tocada de uma maneira fora do padrão, fazia com que a nova mania virasse tendência e angariasse adeptos por diversos campos do país, transformando o futebol num elemento altamente significativo e unificador da cultura brasileira.

Cruz (2003) cita com clareza como o futebol chegou ao Brasil: "Anos mais tarde nosso esporte se tornaria o espetáculo do século. Veio para a América, trazido pela burguesia, como entretenimento da aristocracia". A cidade de São Paulo possuía 64 mil habitantes. Contudo, em 1864, quando Charles Miller, desembarcou na Luz, louco para organizar o primeiro racha, população pulara para 192 mil pessoas. Ocorreu que gente que vinha da roça, principalmente negros que a Abolição havia "libertado", além daqueles imigrantes que vinham atraídos pelo café.

Conforme Rezer (2003), algumas situações ocorrentes na história, levam acreditar que o Brasil, a partir do modelo social e econômico que fora imposto pelos países considerados desenvolvidos (entre eles a Inglaterra), incorporou em seu contexto social e político o avanço capitalista europeu. Diante disso, devido as poucas oportunidades de diversão existentes para as classes sociais mais inferiores, foi-se oportunizada a disseminação da prática do futebol, ao qual apresentou alguns marcos em sua popularização.

A popularização do futebol foi fácil pela versatilidade do jogo. O poder de improvisação que o futebol exerce nos jogadores facilita sua prática e, mais ainda, sua paixão, mesmo por aqueles que não possuem condições financeiras suficientes para adquirir o material necessário para jogá-lo. O futebol pode ser presenciado em qualquer lugar: praças, ruas, praias, terrenos baldios, fazendas, beiras de estrada, calçadas. Com bola de material fabricado ou não, bola de meia, que quica ou não, com traves de madeira, ferro ou até apenas marcas no chão, podendo ser jogado em qualquer clima, espaço e com qualquer quantidade de jogadores, sendo esses principiantes ou não (BORSARI, 1989).

¹ Uniredentor - ltaperuna, douglasdopp3@gmail.com

² Uniredentor - ltaperuna, gabrielsgraeli@gmail.com

A divulgação desse esporte foi mais difundida por ex-alunos praticantes de colégios e faculdades da época. Tem-se como exemplo, César de Oliveira, Valdemar Junqueira e PulcroBrasil levaram o futebol a Uberaba e depois até o Brasil central; Arthur Ravache foi um dos fundadores do Sport Club Germânia, em 1899, e um dos pioneiros na organização do futebol paulista e brasileiro; Carlos Silveira, José e Vicente de Almeida Sampaio participaram da fundação da Associação Atlética Mackenzie, em 1898, e foram os divulgadores do jogo por todo interior do estado de São Paulo; Otho Behmer e João de Almeida, colegas de classe de Ravache, popularizaram o futebol na capital paulista entre pequenos proprietários, operários alemães e italianos, por volta de 1898 (SANTOS NETO, 2002).

Segundo Gomes (2017) a inclusão do futebol na lógica das sociedades de espetáculos na década de 1930, fez com que esse esporte profissional pudesse alcançar diferentes públicos, de forma que não se restringisse apenas aos grupos dominantes da modalidade até então. Contudo, se vê como frágil a hipótese de que o futebol era praticado apenas por parte da elite até os anos de 1920. Todavia, destacamos que é na década de 1930 que a consolidação dessa popularização do futebol, a partir de uma lógica comercial e espetacularizada se dá de maneira mais plena, muito devido ao processo de profissionalização pelo qual passava a prática.

Como escreve Pierre Bourdieu, o futebol após sua difusão em uma determinada localidade, se encaixava entre os esportes populares, ou seja, de massa, que funcionam como espetáculos (que podem dever uma parte de seu interesse à participação imaginária que a experiência passada de uma prática real autoriza): eles são "populares", mas no sentido que reveste este adjetivo todas as vezes em que é aplicado aos produtos materiais ou culturais da produção de massa. Em suma, o esporte, que nasceu dos realmente populares, isto é, produzidos pelo povo, retorna ao povo, como a folk music, sob a forma de espetáculos produzidos para o povo (SILVA, 2020).

As fronteiras territoriais ou sociais da capital brasileira não seriam capazes de impedir a bola rolar em outros flancos. Aos poucos e sem qualquer incentivo ou simpatia oficial, o futebol chega a regiões fora das áreas onde se buscava instituir as marcas do novo, do progresso. São Cristóvão, Vasco e Bangu conseguem furar as barreiras comuns àquela ordem e, a partir da década de 1920, instituir novas ofensivas num campo em que a elite branca e letrada tentaria jogar na retranca como estratégia para inexoravelmente sair em rápido e mortal contra-ataque contra a turba iletrada e mestiça (SILVA, 2020).

Quanto ao aspecto da identidade nacional, percebe-se que o nosso futebol joga sempre com uma essência, uma ideia permanente do homem, que poderia ser resumida no ditado 'brasileiro já nasce feito para quebrar galho e dar um jeito'. Lida-se aqui com o famoso mito da esperteza do elemento nacional. Esse mito faz crer que dificilmente se encontra mais malicioso, mais inventivo que o brasileiro supostamente capaz de superar qualquer situação difícil. Quanto mais inferiorizado parece, maior será sua vitória. O futebol, assim como as demais manifestações culturais, tem temporalidade própria e pode ser incluído em um dado contexto socioeconômico. Suas implicações na construção de identidades, culturas e símbolos, nas últimas duas décadas, possuíram enorme relevância de espaço na produção historiográfica e demais campos das ciências humanas (SILVA, 2020).

A Exclusão Social e o seu Primórdio

Segundo Wanderley (1999), o surgimento do termo é atribuído a René Lenoir, na década de 70, quando, em sua obra, teve o mérito de suscitar o debate sobre a concepção de exclusão, não mais como um fenômeno de ordem individual, mas social, ao qual se origina do próprio funcionamento das sociedades modernas, tendo como possíveis causas, o acelerado processo de urbanização desordenado, as desigualdades de renda, além do pouco acesso aos serviços "disponíveis". A noção de exclusão social se tornou familiarizada no meio de diversos setores da sociedade, estando em constante presença na mídia, no discurso político, bem como também nos programas governamentais. Tratando-se de um fenômeno que não atinge somente países com maior pobreza, mas também atingindo parcelas majoritárias da população mundial, seja pelas transformações globais em relação ao trabalho, seja pelas inaceitáveis desigualdades decorrentes das estruturas econômicas existentes.

Sobre o mesmo assunto, Castel (2000) relata que a exclusão social é uma expressão que inclui todas as modalidades de miséria do mundo, como o desemprego recorrente da instabilidade vinda da confiança na relação empregado x empregador, do jovem da periferia, o sem domicílio fixo. Sendo assim, toda situação ou condição social de carência, dificuldade de acesso, segregação, discriminação, vulnerabilidade e ausência de

¹ Uniredentor - Itaperuna, douglasdopp3@gmail.com

² Uniredentor - Itaperuna, gabrielsgraeli@gmail.com

suporte em qualquer âmbito.

Quando dizemos que a inclusão não é somente para alunos portadores de necessidades especiais, pois esta é para todos que de alguma forma sentem-se excluídos em alguma situação e que geralmente são os pobres, negros e pardos, crianças, adolescentes e idosos, mulheres, homossexuais entre outros (MAFRA, 2007).

Escorel (1999) diz que quando um termo pode designar muitos fenômenos, acaba por não caracterizar fenômeno algum.

A Inclusão Através do Esporte

É verdade que as ideias de que o esporte e suas extensões podem desempenhar um papel de auxílio sobre a socialização de crianças e jovens não são novas. Como um exemplo, citemos a experiência salesiana, produto do século XIX, na qual se tentava trabalhar com crianças "periclitantes", hoje diríamos em situação de risco (BORGES, 2005). O reconhecimento do esporte como instrumento de socialização positiva ou inclusão social é revelado pelo crescente número de projetos esportivos destinados aos jovens das classes populares, especialmente adolescentes, financiados por instituições governamentais e também privadas. São exemplares os programas alternativos paralelos à educação formal, de iniciação profissional e educação através do esporte e do trabalho, que surgiram a partir da década de 80, como oposição a socialização exercida pelo crime organizado em favelas (ZALUAR, 1994).

Vianna (2003) diz que, apesar do crescimento em números de projetos com as características voltadas a inclusão de jovens e adolescentes, a teorização existente sobre as relações do esporte com grupos submetidos a riscos ou marginalizados pela pobreza, não parece atentar para o que diz respeito ao entendimento das racionalidades locais dos agentes do processo de intervenção, ou seja, para as ações das crianças e jovens em relação aos programas.

Lovisol (1995) argumenta que um dos pilares da eficácia da educação, e de modo geral da intervenção orientadas por valores sociais, demanda acordos em termos de valores. O acordo entre as famílias, os educandos e os educadores, sobre os valores, os meios e as expectativas, parece ser fundamental na implementação de projetos ou de propostas no âmbito educacional, pois se os atores não compartilham de um horizonte comum de crenças ou representações é impossível a eficácia simbólica da escola.

A crítica quanto a utilização dos esportes como mecanismo de inclusão encontra-se disseminada em alguns setores do meio acadêmico, especialmente nos cursos de formação em educação física, com a difusão da ideia em que o esporte é um mal em si, sendo impossível ser utilizado para a autonomia e emancipação dos membros das camadas populares (STIGGER, 2009; VAZ, 2009). Mais ainda, o esporte por sua própria "essência", seria excludente por selecionar os melhores, contudo, em contraposição a esta perspectiva, ainda encontramos as crenças nos benefícios dos esportes para a melhoria da qualidade de vida dos participantes, bem como para a formação social dos mesmos (GAYA, 2009).

Cavalli *et al.* (2007), defende, ainda, que a criança ou adolescente que tem contato com o esporte produz transformações significantes e gratificantes em comunidades totalmente carentes de atenção e oportunidades. Gratificantes por gerar, através de projetos esportivos de cunho social, o bem-estar das pessoas nele envolvidas não somente fisicamente, mas mental e socialmente.

Projetos sociais no esporte têm sido introduzidos como forma de inclusão e resgate social em nosso país, gerando resultados em diversas regiões. O Governo Federal tem mostrado através de estatísticas que projetos como o Projeto Segundo Tempo em apenas na sua fase de implantação, em 2005, atendia 516.7 mil crianças e adolescentes, em 2.681 núcleos no país (GOMES; CONSTANTINO, 2005).

Conforme descreve Cruz (2003), o esporte constrói uma trégua temporária entre tensões das diversas facções, promove a comunicação, envolvendo as pessoas numa participação conjunta, oferecendo símbolos comuns a coletividade, justificando a solidariedade. Além disso, o esporte contribui para a integração regional e nacional, ao fomentar entre as pessoas de diferentes classes sociais, etnias, raças, religiões a partilha das emoções, transformando eventos em confraternizações, fatores de união, destacando-se entre os principais motivos de mobilização da vida moderna. Nesse aspecto o esporte mais popular do mundo tem importância fundamental na animação das comunidades periféricas no país, na luta que precisam empreender com urgência no esforço de auto-organização para superação da marginalização social e econômica.

¹ Uniredentor - Itaperuna, douglasdopp3@gmail.com

² Uniredentor - Itaperuna, gabrielsgraeli@gmail.com

O Efeito da Inclusão tendo o Futebol como Instrumento

Cruz (2003) relata que muitos esportes proporcionam a inclusão e a facilidade de sua prática sem muitos investimentos, mas nenhum supera o futebol. É ao lado dos campos de futebol que nascem as pequenas comunidades. Ele atrai os olhares, aumenta a paixão e mais ainda, faz esperar sonhos de uma carreira rica e visionária, por isso, deve ser mais bem avaliado pelos governos e instituições sociais, como importante alternativa para projetos de inclusão.

O Brasil possui um enorme número de pessoas capazes e dispostas a trabalharem nesse processo. Muitos têm usado o esporte mais atrativo e viável para as classes menos privilegiadas para inclusão na escola e como cidadão ativo. O futebol é o esporte que requer pouco custo em seus materiais, principalmente comparados a outros esportes da mesma dimensão praticados. Projetos de inclusão oferecem oportunidades para adolescentes e jovens de comunidades organizadas pelo futebol e atende centenas de pessoas (BORSARI, 1989).

Pesquisas realizadas em sociologia e urbanismo, a criminalidade tende sempre a diminuir nas regiões em que a população tem acesso a áreas com a prática esportiva: "Transformar a utilização das áreas disponíveis para prática de futebol e demais esportes, contribuirá muito na humanização das periferias e subúrbio" (CRUZ, 2003 p. 54).

O sonho da grande maioria dos meninos brasileiros certamente passa pelo esporte mais popular do país e do planeta. [...] o futebol está presente no imaginário da população. Frequentemente, jogadores são eleitos ídolos e passam a servir de modelo para a sociedade". Esse sonho certamente continua sendo alimentado não somente pela vontade de ser um jogador profissional, mas da participação em times da primeira divisão e ganhar muito dinheiro para jogarem no esquecimento as privações que sofreram quando crianças (GIGLIO, 2007, p.119).

Segundo Freire (apud CAPELA, 1996), educar-se é ter consciência crítica das necessidades desde mudanças na sociedade onde se está inserido. Desta forma, constata-se que a formação do verdadeiro cidadão acontece pelo processo de conscientização das ações no mundo em que vive. Acredita-se que pelo seu impressionante poder de interação social, o futebol se qualifica como um tema bastante apropriado para contribuir com o processo de conscientização de um mundo de igualdade e oportunidades para todos, especialmente os jovens e adolescentes.

A escola deveria ser um mecanismo orientador das dificuldades existentes no meio futebolístico, devendo abordar o futebol e as questões sociais que giram em torno deste. Uma pesquisa realizada por Toledo (1996) verificou que na faixa etária entre 15 e 17 anos, 62% de meninos possuem interesse pelo futebol. Entre 18 e 29 anos, 56%, entre 30 e 49 anos, 51% e de 50 anos em diante, 55%. Por grau de instrução, 50% daqueles que têm interesse possuem educação básica. Ensino médio, 57%. E entre aqueles que possuem grau de instrução superior, o interesse pelo futebol é de 55%. Pelos dados produzidos acima, observamos que é imenso o interesse por futebol, independente de cor, classe, idade, grau de instrução. Daí a necessidade de maiores esclarecimentos a respeito da prática do futebol na esfera escolar ou acadêmica. O futebol traduz a prática de atividades lúdicas, pois educa, socializa, desperta e desenvolve habilidades, possibilita o desenvolvimento do intelecto, traz aumento da autoestima que cada um deve descobrir pela própria força.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como o esporte tornou-se uma poderosa ferramenta na proteção social e resgate de crianças e jovens que sonham com um futuro melhor, especialmente o futebol, podendo-se dizer que ao redor dos campos de futebol é que se formam as comunidades.

Neste sentido, dada à importância do futebol como instrumento de socialização demonstrada, torna-se necessário o desenvolvimento de sua prática na vivência de jovens na faixa etária entre 12 e 17 anos de idade, fase considerada de construção social do ser humano, trazendo a realização de sonhos, bem como ensinamentos e princípios éticos e morais num processo de evolução.

¹ Uniredentor - Itaperuna, douglasdopp3@gmail.com

² Uniredentor - Itaperuna, gabrielsgraeli@gmail.com

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORSARI, José Roberto. Futebol de campo. São Paulo. EPU. 1989

CAVALLI, Marcelo Olivera, ARAÚJO, Mariana Lucena, CAVALLI Adriana Schüller Um passo adiante no Olimpismo: projetos esportivos de cunho social como agentes de transformação e emancipação humana. Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos (GPEO). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Brasil 2007. Disponível em: <<http://olympicstudies.uab.es/brasil/pdf/28.pdf>>

CRUZ, Antônio Roberto. Futebol Brasileiro: um caminho para a inclusão social. São Paulo. Ed. Esfera .2003. Educação Física - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000414994>

GAYA, A. Sobre o esporte para crianças e jovens. In: STIGGER, M.P.; LOVISOLO, H.R. (Orgs.) Esporte de rendimento e esporte na escola Campinas: Autores Associados, 2009.

GIGLIO, Sergio Settani. Futebol: mitos, ídolos e heróis – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2007.

GOMES, E. S. (2017). Respeitável público: espetacularização e popularização do futebol profissional no Rio de Janeiro (1933-1941). *FuLiA/UFMG*, 1(1), 90–110. <https://doi.org/10.17851/2526-4494.1.1.90-110>, 2017.

LIMA, C. Inclusão: uma utopia do possível. *Revista Nova Escola*. nº. 123, p.14-7, 2014

LOVISOLO, H. Escola e família: constelação imperfeita. *Ciência Hoje*, São Paulo, v.6, n.1, maio de 1987.

_____. Educação física: a arte da mediação. Rio de Janeiro: Sprint, 1995a.

MAFRA, Juliana. Inclusão Social. Brasil Escola 2007. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao/inclusao-social.htm>>

MARQUES, Cezar. Herdeiros do tetra: os projetos sociais desenvolvidos por jogadores de futebol tetracampeões mundiais. Tese de mestrado. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2006

MORAES, Antônio Helder da Silva. Futebol e sociedade: o papel das escolinhas de futebol no processo de inclusão social na cidade de Baturité. 2014. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2014.

REZER, R. A prática pedagógica em escolinhas de futebol/futsal: possíveis perspectivas de superação. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2003.

SANTOS, Elias José Rodrigues Martins dos; BONACHELA, Marcelo. Inclusão social através do futebol. Disponível em: <<http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/647>>.

SANTOS NETO, José M. dos. Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. Apud GIGLIO, Sérgio S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000414994> – acesso em 02/05/2008.

SILVA, Fábio Lima Peixoto. Popularização do futebol no rio de janeiro. *Pesquisa & educação a distância*, n. 17, 2020.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas Organizadas de Futebol. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, Coleção educação física e esportes. 1996.

WANDERLEY-B. M. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, B. (org.) As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis. Editora Vozes. 1999.

VIANNA, J.A. Educação física, esportes e lazer para as camadas populares: a representação social dos seus atores. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 13., 2003, Caxambú. Anais.. Campinas: CBCE, 2003.

¹ Uniredentor - ltaperuna, douglasdopp3@gmail.com

² Uniredentor - ltaperuna, gabrielsgraeli@gmail.com

ZALUAR, A. Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social. Rio de Janeiro: Escuta, 1994.

PALAVRAS-CHAVE: futebol, inclusão, social, adoslescente, jovem, esporte, edudacao